



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13440 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

“É uma doença muito forte”: os discursos das crianças sobre a pandemia do coronavírus

Luísa Côrtes Fonseca - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Delma Marcelo dos Santos Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Patrícia de Araújo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## “É UMA DOENÇA MUITO FORTE”: OS DISCURSOS DAS CRIANÇAS SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

### Resumo:

Em uma perspectiva de análise discursiva, este trabalho discute parte dos resultados de uma pesquisa interinstitucional que teve como objetivo ouvir as crianças, moradoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sobre o que vivenciaram na pandemia de Covid-19.

**Palavras-chave:** infância; discurso; pandemia; coronavírus

### Introdução, objetivos e fundamentos teórico-metodológicos:

Este trabalho analisa o discurso das crianças sobre o coronavírus e de que formas elas definem a pandemia. Foram analisadas 73 entrevistas, com crianças moradoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, de 4 a 12 anos de idade, entre agosto e dezembro de 2021. A escolha das crianças seguiu o critério de familiaridade e as entrevistas foram feitas,

majoritariamente, à distância valendo-se de um roteiro semiestruturado e dos recursos tecnológicos disponíveis no momento como videoconferências, chamadas telefônicas e/ou mensagens por aplicativos. Algumas foram realizadas de modo presencial em função da proximidade das entrevistadoras com as crianças e seus responsáveis. O objetivo desta pesquisa foi escutar as crianças, conhecer e analisar os sentimentos que vivenciaram no período da pandemia, as formas como elas perceberam o que estava acontecendo ao seu redor e como foram atravessadas pelas questões sociais, sanitárias e políticas do período pandêmico.

Para Bakhtin (2006) as Ciências Humanas são as ciências do discurso, pois “o homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria textos (ainda que potencial). (...) A atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (...) unicamente no contexto dialógico da própria época” (p. 312). Nesta perspectiva, os relatos das crianças a respeito do coronavírus evidenciaram que elas, em sua condição social de seres históricos e políticos, inseridas na cultura e produtoras de cultura, trazem questões para se compreender o contexto em que vivem, visões específicas, a partir de seu pertencimento social.

Entendemos a singularidade dos enunciados das crianças em resposta às perguntas das entrevistadoras como algo novo e também desencadeador de continuidades e diferentes enunciados. Uma singularidade que se expressa em palavras, gestos, entonações e que se apresentam discursivamente em sua função de signo. Como afirma Bakhtin (1979, p. 34): “A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social”. Assim, ao analisarmos os enunciados das crianças sobre o coronavírus no contexto das entrevistas, buscamos nas escolhas dos eventos discursivos os sentidos por elas atribuídos ao vírus. Em cada definição dada pelas crianças ao coronavírus foi possível perceber que cada palavra revela um vasto repertório social.

Ao serem questionadas sobre o coronavírus, todas as crianças entrevistadas se referiram aos cuidados necessários para evitar a doença: usar máscara, usar álcool em gel, lavar as mãos e se distanciar das pessoas, evidenciando saberem que tais cuidados poderiam protegê-las e proteger os outros. Entretanto, foi interessante observar que algumas delas se referiram à vacina como enfrentamento efetivo da doença- fato que já estava ocorrendo à época- e outras se referiram ao enfrentamento pessoal ou mágico: “eu quero dar um soco na cara do coronavírus” (Eduardo, 7 anos); “Se eu tivesse uma varinha mágica, assim, eu ia tirar o coronavírus de todas as cidades” (Rafaela, 7 anos).

Também fizeram referência à morte ao falarem sobre o coronavírus: “Eu sei que é um vírus e se alguém pegar a pessoa pode morrer.” (Leticia, 9 anos), “uma doença muito má que está matando um montão de gente” (Malu, 9 anos), “tá matando geral” (Guilherme, 11 anos), “se as pessoas pegam covid, às vezes, ficam internadas ou morrem” (Maria Alice, 6 anos) e “eu sei que ele mata pessoas” (Manuela, 6 anos) são algumas falas que expressam o potencial

letal da doença percebido pelas crianças.

Outras palavras utilizadas para descrever a pandemia foram: “perigosa” (Jefferson, 11 anos), “pior coisa do mundo” (Eduarda, 10 anos), “uma grande mudança no mundo” (Pedro, 10 anos), “ruim” (Mariana, 4 anos), “eu sei que é um vírus e se alguém pegar a pessoa pode morrer. “É contagioso” (Leticia, 9 anos), “muito grave” (João Carlos, 12 anos), “doença muito má” (Malu, 9 anos), “chata” (Gabriel, 7 anos), “doença muito forte” (Luisa, 5 anos), “ele já matou um montão de gente” (Mirela, 9 anos), “é um feitição” (Maria Beatriz, 5 anos), “eles são bem pequenininhos, que tem germes e bactérias também” (Pedro, 11 anos).

Algumas crianças mostraram consciência sobre o alcance planetário do vírus e conhecimento sobre a origem da pandemia: “é uma doença que se iniciou na China e matou milhões de pessoas” (Miguel, 13 anos) e “olha, eu sei que, é um germe, que se não me engano veio da China e ficou se espalhando por vários países, continentes, talvez até tenha se espalhado pelo mundo todo e tá afetando a gente aqui também” (Maria Clara, 12 anos).

A incerteza que ancorava a sociedade, em um momento inédito, quando não sabíamos ao certo quanto tempo duraria a pandemia e de que forma poderíamos superar o coronavírus, também é refletida na fala de um entrevistado: “hoje em dia a covid está sofrendo muitas mutações genéticas que estão deixando ele muito forte, que dá até uma perda de esperança, só que com certeza no futuro a gente vai conseguir vencer essa pandemia” (Serenio, 9 anos).

Entre as muitas falas das crianças, analisamos a seguir dois eventos discursivos destacados das entrevistas, que trazem a singularidade das vozes infantis ao dizerem sobre a pandemia. Vale ressaltar que consideramos como evento discursivo um excerto da entrevista que encerre um sentido. “Um evento é um acontecimento irrepetível e único, mas ao ser organizado como discurso escrito e passar a fazer parte do *corpus* da pesquisa, se torna uma peça de uma coleção” (CORSINO, 2014, p. 14).

### “É uma doença chata”

Trazemos a fala de Alana, de 8 anos:

Entrevistadora: ...sobre a pandemia, o que você sabe me falar sobre ela?

Alana: **É uma doença chata**, que me afastou da família e eu quase não via minha avó e é ruim.

Entrevistadora: Por que você acha que é ruim?

Alana: Porque ela trouxe a saudade. A saudade antes era pouca, era de alguns dias e com a pandemia foi de um ano e meio.

Entrevistadora: E isso está sendo chato pra você?

Alana: Sim.

Entrevistadora: Você quer falar um pouco da saudade?

Alana: A pandemia, quando estava tendo aula online, eu estava com saudade dos meus amigos, da minha família que mora longe e pessoas que eu não via mais.

Quando perguntada a respeito do coronavírus, a menina escolheu as palavras “chata” e “saudades”, além de enfatizar o período de duração da crise sanitária. A partir deste evento, observamos o testemunho de quem lidou com o isolamento social, o causador da saudade que perdurou por um longo tempo, trazendo restrições à dinâmica de sua vida.

Falar da pandemia à entrevistadora como um momento chato que viveu, possibilitou à Alana narrar parte de sua história na pandemia. Situação que dialoga com o conceito de experiência (*Erfahrung*), de Benjamin (1997). Alana fala da saudade como um sentimento seu, mas que é simultaneamente individual e coletivo, pois abre a possibilidade de a entrevistadora indagar e se implicar, podendo continuar a história de Alana na sua própria história. Ao destacarmos este evento, também nós, autoras, nos implicamos nesta narrativa. Quantas saudades sentimos neste tempo de suspensão e isolamento social? O universo particular de Alana traz estilhaços do mundo do qual nós também fazemos parte. Ao mesmo tempo que a experiência é individual, muitos de nós podemos nos encontrar no fio que tece as vivências da pandemia representado pelas palavras “saudades” e “chata”.

Ao perguntar às crianças sobre o que sabem a respeito do coronavírus, tivemos a oportunidade de escavar não um passado remoto, mas memórias de uma situação extraordinária. A enunciação de Alana mostra como a língua e a linguagem tornam-se meios potentes para nomear o que nos aconteceu. Sobre isso, Benjamin (1997, p. 239) aponta que: “A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas”. Alana, ao falar abertamente sobre o sentimento de saudade de conviver com amigos e familiares condensa o significado do vivido na palavra saudade e mobiliza a nossa memória, levando-nos ao solo onde muitas coisas foram soterradas no momento pandêmico, entre elas, a saudade. Assim, além de notarmos o acontecimento pandêmico, nos enunciados de Alana, percebemos a sensibilidade dela ao se referir à saudade. Uma saudade de um ano e meio, tempo demais para uma criança de oito anos.

Vivemos na pandemia o isolamento social, algo inaugural culturalmente, ou seja, estivemos impedidos de nos agregar como de costume. E essa digressão comportamental, sem dúvida, afetou as crianças de modo muito particular e independentemente de seus contextos socioeconômicos e sociais todas foram atingidas de algum modo. Ao estarem reclusas, ficaram circunscritas a interações com um círculo bem restrito de pessoas, inclusive de outras crianças. Estudos da sociologia da infância apontam a importância da cultura de pares, na troca social, especialmente no brincar entre as crianças que permite que elas se apropriem, reinventem, reproduzam e reinterpretem o mundo que as rodeia, criando formas próprias de se relacionarem entre si. E todo este potencial relacional, para Alana e outras crianças, foi interrompido.

## “É uma doença muito forte”

Ao ser questionada sobre a pandemia, Luisa, de 5 anos, utiliza a palavra “forte”:

Luisa: Eu sei... poucas coisas.

Entrevistadora: O que você já ouviu falar?

Luisa: Eu já ouvi que o coronavírus é **uma doença muito forte**, que agora os velhinhos estão até tomando a terceira dose e tem que usar máscara, por isso que eu estou indo de máscara para a escola.

Luisa utiliza o adjetivo “forte” para qualificar a doença e dimensionar os seus efeitos. Ser forte significa ser resistente, de difícil domínio. Percebe-se que a criança significa o coronavírus como algo que pode gerar graves consequências à saúde, principalmente aos “velhinhos”, as primeiras vítimas da doença. O uso da palavra forte mostra que ela conhece o potencial destrutivo do vírus, assim como reconhece a necessidade de combater a doença com vacina e uso de máscara. Na fala de uma criança de cinco anos informações e preocupações de quem vivia em um período pandêmico estão presentes, evidenciando o quanto as crianças estão atentas ao que está acontecendo à sua volta. A menina, inicialmente, mostra-se receosa ao ser questionada sobre o coronavírus, dizendo que “sabe poucas coisas”. No entanto, em seguida, revela que está informada e inserida no contexto de pandemia.

De acordo com Bakhtin (1982), falantes ou ouvintes não são passivos, pois toda compreensão é uma réplica. No caso do evento acima, enquanto Luisa ouve a entrevistadora, ela está avaliando a pergunta, fazendo diferentes conexões com informações, falas e conteúdos com os quais tenha se relacionado a respeito do assunto até compreendê-lo e, assim, desenvolver outro enunciado. Vale ressaltar que o mesmo ocorre com a entrevistadora. Esse aspecto da interação verbal significa que os sujeitos envolvidos estão recebendo ativamente o enunciado e, por isso, ocupam uma posição responsiva porque todo enunciado contém o embrião da resposta, todo enunciado suscita novos discursos.

### Considerações finais

Os eventos discursivos recortados das entrevistas realizadas com as crianças de 4 a 12 anos moradoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro evidenciam que as comportam-se de modo ativo e responsivo sobre tudo que as rodeia. Foram capazes de produzir sentidos singulares sobre a pandemia, percebendo e recriando relações culturais, econômicas, políticas, educacionais, artísticas, religiosas etc. Suas definições sobre o coronavírus mostram suas visões peculiares do que viveram num período extraordinário da pandemia que teve início em março de 2020 e que se prolongou de forma aguda até 2021.

Cada pequeno fragmento de vida representado pelas crianças por meio de seus discursos constitui um elo da corrente enunciativa que elas penetram e dão continuidade no ato de significação do mundo elas produzem cultura assim como são também culturalmente produzidas.

Outra constatação importante a ser feita é que cada criança entrevistada, a seu modo, fez uso de seus repertórios sociais para conceituar o coronavírus. Seja valendo-se de recursos do maravilhoso conto de fadas, seja da vida real, cada uma de um jeito bem particular, produziu um discurso externalizando seu entendimento acerca da pandemia. Cada um dos entrevistados revelou o poder do vírus, que mesmo invisível aos olhos humanos foi capaz de provocar mudanças na vida, além de nos colocar de modo muito evidente de frente com a finitude.

### **Referências Bibliográficas**

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo bezerra. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas v. I. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas v. II. Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CORSINO, Patrícia (org). **Travessias da literatura na escola**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Orgs.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2003. p. 9-34.
- VIGOTSKI, L. S. **Quarta aula. O problema do meio da pedologia**. In: *Sete aulas de L.S.Vigotski - sobre os fundamentos da pedologia*. Organização [e tradução]. Zoia Prestes, Elizabeth Tunes ; tradução Cláudia Costa Guimarães Santana. 1. ed. Rio de Janeiro : E-papers, 2018.